

Da matéria e do canto: a narrativa breve de recepção infantil de Maria Rosa

Colaço

Palavras-chave: Maria Rosa Colaço, literatura infantil, conto, infância.

Keywords: Maria Rosa Colaço, children's literature, short story,

childhood.

A actividade literária de Maria Rosa Colaço estende-se por diversas áreas temáticas e géneros literários distintos, destinando-se tanto ao público infantil como ao adulto. Editada ao

longo de quatro décadas, a produção desta autora parece fazer mais sentido quando lida a partir dos textos centrados no destinatário infantil, revelando uma coerência que decorre da persistência do universo da infância e do lirismo com que é recriado. Esta unidade articula-se também com a centralidade que a “Criança” ocupa nas suas obras, nomeadamente na crónica, no romance e na poesia.

A partir da leitura dos seus textos, desde *O Espanta-Pardais* (1961) até *O Coração e o Livro* (1993 e 2003) e tantos outros, é, pois, possível perceber de forma muito clara a concepção de criança e de infância da autora, a sua confiança inabalável nas suas competências e capacidades e a esperança ilimitada que deposita nas gerações mais jovens.

Sem facilitismos nem simplismos óbvios, Maria Rosa Colaço privilegia textos que motivam a reflexão e o questionamento, apelam à dúvida e à incerteza, além de promoverem a imaginação pelos inúmeros jogos linguísticos e associativos que pululam nas suas publicações. A obra desta autora apresenta, pois, uma coesão e uma unidade, tanto do ponto de vista temático como estilístico, além de múltiplas alusões intertextuais, na recriação de motivos, temas, cenários e personagens que são revisitados com assiduidade. São elementos de frequência elevada, entre outros, a predilecção por ambientes e espaços naturais, nomeadamente os rurais e os marítimos, a selecção frequente de personagens infantis e/ou animais humanizadas, às vezes em interacção, uma preferência por temáticas ligadas à viagem, à liberdade, à exaltação da amizade e da realização de sonhos, a par do recurso assíduo a elementos propiciadores do cómico, como é o caso do absurdo, além da presença frequente do diálogo e do discurso directo. A influência do neo-realismo e o contexto histórico que suporta a escrita de muitos dos seus textos condicionam o carácter interventivo de grande parte da sua obra que não é muito conhecida do grande público. Muitos dos seus textos, tanto para crianças como para adultos, não se encontram disponíveis e só muito recentemente começam a ser reeditados. Excertos dos seus contos de destinatário infantil fazem parte, desde há

décadas, de manuais de Língua Portuguesa dos mais variados graus de ensino, tendo, inclusivamente, alguns deles, como é o caso de *O Espanta-Pardais* ou *Maria-tonta, como eu*¹ marcado uma geração.

A criança e o universo infantil encontram-se amplamente retratados nos textos narrativos mais breves de Maria Rosa Colaço, como as crónicas e os contos. É o caso, por exemplo, da colectânea de crónicas publicadas inicialmente em *A Capital* e reeditadas com o título *Não quero ser grande*. (1993). No prefácio onde explica a publicação destes textos breves e o seu novo contexto, Maria Rosa Colaço apercebe-se de como as crianças e a infância são tema central de muitas das suas crónicas, revelando-se fio condutor da sua leitura. A omnipresença da infância nestes textos explicará, em parte, a opção do título, e resulta quer das preocupações da autora com o seu mundo e o seu tempo, quer das memórias de um passado que revisita e reconstrói insistentemente e de que *Maria-tonta, como eu* (1983) é mais um exemplo. Além disso, muitos dos textos das crónicas, inclusivamente a que dá nome à colectânea, estruturam-se a partir de um ponto de vista próximo do infantil e de uma linguagem que visa aproximar-se da criança. Esta centralidade da criança no universo narrativo da autora está ligada às suas preocupações sociais e ao carácter interventivo de muitos dos seus textos. Baptista-Bastos salienta também a influência lírica dos textos cronísticos de Maria Rosa Colaço, que apelida de «crónicas poemáticas»², referindo-se também à existência de uma «subtil atmosfera poética»³ que envolve a escrita desta autora.

O conto *Espanta-pardais* (1961), que marca a produção de Maria Rosa Colaço, revela-se, a vários títulos, paradigmático. Com a primeira edição datada de 1961, este é um livro que ainda hoje pode surpreender o público leitor, e não o exclusivamente infantil. A publicação caracteriza-se por um investimento evidente em questões visuais e gráficas, quer do ponto de vista da ilustração, quer da opção da forma como o texto surge distribuído pelas páginas, num momento em que ainda não eram frequentes estas preocupações, o que também revela uma atracção peculiar pela novidade e o desejo de jogar com a surpresa e as expectativas dos leitores. Assim, e apesar da sobriedade no emprego da cor, observe-se a variedade de disposições ao nível da mancha gráfica e a introdução (às vezes mesmo sobreposição) de elementos ilustrativos no texto. As relações com o texto poético e até com a poesia experimental e visual são evidentes e possibilitam uma relação diferente dos leitores com o livro, baseada na surpresa e na novidade.

Este texto assume-se, apesar do momento da primeira publicação, como intemporal, propondo ao leitor um curioso desafio de construção de significados e assumindo-se como uma narrativa fortemente simbólica e poética, sobretudo pelas inúmeras metáforas propostas. Estas, assim como as comparações, estão construídas com base em analogias⁴

¹ Maria Rosa Colaço, *Maria-Tonta, como eu*, s/local, Distri-Editora, 1983.

² António Baptista-Bastos, «Rosa da prosa» in Maria Rosa COLAÇO, *Não quero ser grande*, 3.ª edição, Lisboa, Editorial Escritor, p. 9

³ *ibid.*

⁴ Confrontar com: «pássaros-gaivotas que pareciam lenços a voar» (p. 10); «os olhos eram dois bocadinhos de noite sempre a rir, com muitas, muitas estrelas lá no fundo» (p.13); «cidades de cimento com pássaros de alumínio» (p. 14); «mares com peixes de madeira que levavam homens e saudades» (p.15) (Maria Rosa Colaço, *O Espanta-pardais*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1961).

⁵ Maria Rosa Colaço (org.), *A criança e a vida*, Lisboa, Edições ITAU, 1963.

surpreendentes que partem de uma visão alternativa, em certa medida infantil, do mundo e das coisas, com vagas semelhanças, em alguns casos, com excertos de *A criança e a vida* (1969): «[a saudade] é uma flor que cresce no sangue dos homens»⁵. O texto em questão apresenta-se igualmente como um desafio à intervenção e à participação activa do leitor na narrativa que se torna cúmplice dos acontecimentos.

Construída em torno da defesa do direito ao sonho e da exaltação da amizade, a narrativa trata ainda do tema da morte e do sofrimento, mas também da superação e da recompensa, centrando-se na personagem de um espantalho marcado pela solidão e pela estaticidade, que deseja conhecer o mundo do qual apenas ouve falar. O espanta-pardais caracteriza-se ainda pela insatisfação face à sua realidade e à sua missão de assustar os pássaros, “revoltando-se” contra as imposições sociais. Numa clara inversão de funções, depois de recusar espantar as aves, o herói acabará, numa acção de grande altruísmo, por ceder as palhas secas do seu coração – e a sua vida – a um pardal, de modo a que este possa construir um ninho e aí criar os seus filhos. A sua conquista da felicidade será obtida através de um percurso difícil, onde o sonho surge como forma de ultrapassar as limitações, uma vez que abre possibilidades diferentes e conduz à acção. As provações darão origem a actos heróicos e à merecida recompensa do renascimento do espanta-pardais sob outra forma, a de uma nova figueira, local de acolhimento de aves, e mais compatível com a sua verdadeira natureza. Aliás, a opção por esta espécie poderá estar associado ao seu simbolismo⁶, simultaneamente ligado à abundância, ao conhecimento superior e, sobretudo, à imortalidade que, neste caso, acaba por ser elemento crucial da narrativa. A Natureza, com o seu ciclo eterno e o seu constante renascimento, apresenta-se como local de eleição, metáfora da liberdade e da perfeição sonhadas pelo Homem. Não faltam, a reforçar esta ideia, elementos próprios de uma religiosidade pagã, muito antiga, como é o caso da oração ao deus sol e de vários elementos que sugerem ligações à reencarnação.

Esta questão da religiosidade alternativa é ainda trabalhada num texto dramático intitulado *Pássaro Branco*⁷, galardoado com o Prémio Alice Gomes, e que apresenta uma outra versão do nascimento de Jesus e do próprio cenário do presépio que, aqui, ocorre simbolicamente numa praia, testemunhado por vários elementos marítimos – Búzio, Onda, Cavalo-marinho, Peixe e Polvo. A peça surge, assim, como metáfora e alegoria do Natal, numa espécie de presépio alternativo e vanguardista e está repleta de simbolismos, apresentando o aparecimento do “pássaro branco” como símbolo da paz, da alegria e da vida. De acordo com Chevalier e Gheerbrant, a ave, nomeadamente o seu voo, «predispõe-na, é claro, a servir de símbolos às relações entre o céu e a terra»⁸, funcionando, neste caso, a criança como enviado especial de Deus ao Homens.

Manuel, a criança que se mantém em cena durante todo o texto, e que sofre com as desigualdades sociais de que também é vítima, acaba por ser aquele por quem todos

⁶ Confrontar Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Teorema Editora, 1997, p.323.

⁷ Maria Rosa Colaço, *Pássaro Branco*, Círculo de Leitores/Associação Portuguesa para a Educação pela Arte, 1987.

⁸ Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *op. cit.*, p. 99.

esperam e em quem depositam todas as esperanças de um mundo melhor, marcado pela Alegria, pela Paz e pela Abundância. O texto, repleto de indicações cénicas muito ricas, apresenta ainda sugestões musicais e sonoras, nomeadamente textos poéticos, além de indicações muito precisas, nomeadamente no que diz respeito à movimentação das personagens em cena. Os espectadores são interpelados directamente e intervêm fornecendo sugestões daquilo que faz falta para sermos felizes, antecipando algumas das respostas possíveis. Apesar da seriedade dos temas propostos, o estilo da autora mantém-se acessível aos destinatários preferenciais, optando pela referência de casos concretos a ideias abstractas e pontuando ainda o texto com elementos de cómico, como é o caso do uso de trocadilhos. Conhecedora perfeita do universo infantil e da sensibilidade dos mais jovens à questão da desigualdade, a autora apresenta a amizade e a solidariedade como resposta aos problemas do mundo e dos homens, numa solução marcada, simultaneamente, pela simplicidade e ingenuidade que pontuam os vários textos de recepção infanto-juvenil de Maria Rosa Colaço.

Elementos de uma literatura de intervenção (ou, pelo menos, despertadora das consciências) podem também ser encontrados em *Gaivota*⁹ que volta a preferir o tratamento narrativo da época natalícia, centrando-se em ambientes conotados com alguma marginalidade social. Gaivota, o protagonista, apresenta-se como um jovem rebelde, com vários problemas, incluindo familiares e económicos, à procura do seu lugar num mundo. Motivado por desejos contraditórios, próprios de alguém em crescimento, pauta a sua vivência quotidiana pelo simbolismo da gaivota, associado à liberdade e ao desejo de voar, deslocando-se pelas ruas de Lisboa, onde conhece inúmeras pessoas. Consta, desde muito cedo, todas as injustiças do mundo e as suas desigualdades. O mundo é, segundo afirma, caracterizado pelas divisões entre pobres e ricos, visíveis até nos brinquedos e nas bonecas. No Natal, as diferenças entre as diferentes classes acentuam-se consideravelmente e tornam-se ainda mais visíveis, sobretudo para na perspectiva das crianças. Este é ainda um momento propício à reflexão sobre o passado e sobre as memórias de Natais felizes, ainda passados com o pai, marcados pelo aroma, pela cor e pelo sabor de uma simbólica laranja verde-Espanha. Em contrapartida, o Natal do ano anterior tinha sido passado sem a mãe, em desentendimento com a irmã e marcado por uma sova do padrasto, com quem não conseguia entender-se. Sentindo-se gaivota perdida nos céus de Lisboa, Alfredo, o protagonista, encontrará no emprego na oficina de automóveis a realização de um sonho e a melhor prenda de Natal de sempre, com sabor à laranja do passado.

A par de uma produção mais claramente interventiva do ponto de vista social, como as obras que já referimos, também encontramos outros textos que exploram mais a vertente lúdica da literatura de recepção infantil, recriando ambientes próximos da criança, privilegiando uma visão inocente, mas muito atenta, do mundo e dos homens. É o caso, por exemplo, de publicações como *Aventuras de João-Flor e Joana-Amor*¹⁰ ou *Sofia e o Caracol*¹¹. Neste último conto assistimos, como parece ser preferência da autora, à

⁹ Maria Rosa Colaço, *Gaivota*, Lisboa, Caminho, 1989.

¹⁰ Id., *Aventuras de João-Flor e Joana-Amor*, Plátano Editora, Lisboa, 1984.

¹¹ Id., *Sofia e o Caracol*, Lisboa, Plátano Editora, 1982.

¹² Id., *ibid.*, p.16.

interacção entre uma criança e um animal, neste caso um caracol, testemunhando o leitor o diálogo entre ambos e ao nascimento de uma amizade. A conversa desenvolve-se em torno das temáticas da solidão dos interlocutores e da importância da amizade nas suas vidas, assim como do desejo simultâneo de liberdade e de aventura, já que «viver sempre da mesma maneira (...) é morrer devagarinho»¹². A impossibilidade de o caracol viver confinado ao espaço fechado que é o quarto da criança solidifica uma amizade que respeita as diferenças e que sobrevive mesmo à distância e à ausência, apesar da saudade e até de alguma tristeza que Sofia exterioriza no desenho que faz no final da narrativa.

O conto *O Menino e a Estrela*¹³ apresenta grandes afinidades com *Sofia e o Caracol*, já que, mais uma vez, a criança interage com uma estrela-do-mar dotada de capacidades fora do comum que a conotam com o maravilhoso. A ligação estabelecida com a estrela permite reconhecer a necessidade de magia da infância, assim como a importância de que se reveste o universo onírico no crescimento da criança. A narrativa em causa desenvolve-se em cenários facilmente identificáveis e imediatamente reconhecidos pelos leitores, a praia e a escola, funcionando a estrela como o elemento simbólico de ligação entre dois tempos e dois espaços diferentes – férias e aulas (mês de Setembro), lazer e liberdade *versus* escola, trabalhos e obrigações.

A escola é ainda cenário de alguns breves textos da antologia *O Mistério da coisinha azul*¹⁴, onde a autora parece recriar ou lembrar situações pessoais ligadas à sua experiência de ensino. Em contos como «Asinha de Gafanhoto» ou «Uma história com pombas de papel» percebemos a valorização do olhar infantil sobre o mundo e as coisas, mesmo as mais pequeninas e insignificantes, e a forma como as crianças exteriorizam afectos e emoções. Além disso, a professora é apresentada como intermediária entre o universo infantil e o adulto, revelando-se uma interlocutora preferencial da criança, que a vê como confidente e mesmo como cúmplice, até pela abertura que a caracteriza face ao maravilhoso e à sua erupção no seio do quotidiano. O conto «Recado com canário dentro» retoma um motivo recorrente na escrita da autora e que surge também em outros textos seus, não exclusivamente destinados ao público mais jovem. O leitor é confrontado com uma criança fascinada pelo acto de semear e pelo crescimento das plantas e que, depois da morte do seu canário, resolve semeá-lo também. As mais diversas e insólitas sementeiras da narradora metaforizam, no fim de contas, a sua esperança ilimitada no renascimento do mundo aqui associado a uma Primavera simbólica.

O universo infantil, com os seus jogos, brincadeiras, amores e emoções é ainda recriado metaforicamente em *Aventuras de João-flor e Joana-amor*, um conto que se revela repleto de elementos lúdicos, tanto do ponto de vista temático, como linguístico, semântico e até gráfico/visual. Centrado na explicitação do ciclo da Natureza e das estações do ano e das suas consequências nas várias espécies e na própria paisagem, com especial relevo para a árvore, o conto promove ainda a reflexão sobre a importância da amizade e do altruísmo na construção da felicidade, metaforizada na celebração final.

¹³ Id., *O Menino e a Estrela*, Livros Horizonte, Lisboa, 1990.

¹⁴ Id., *O Mistério da coisinha azul*, Plátano Editora, Lisboa, 1989.

¹⁵ Id., *Aventura com asas*, Porto Editora, Porto, 1989.

Aliás, a metáfora revela-se mesmo na chave de interpretação do conto, visível nas múltiplas analogias que nele são recriadas – o baile, as roupas, o vestir e o despir, a mãe e as filhas... Sustentada pelo diálogo entre as duas personagens principais, a acção desenvolve-se em torno da aventura encetada por dois pequenos caracóis de personalidades opostas, com o objectivo de ajudarem a árvore onde habitam.

Em *Aventura com asas*¹⁵ assistimos à interferência do maravilhoso no quotidiano através do insólito e do inexplicável. É o caso do primeiro conto da publicação – «Focinhito triste e o abafador azul» – em que o berlinde que a criança oferece ao amola-tesouras surge, simbolicamente, como objecto de ligação entre dois mundos – o infantil e o adulto – e entre duas realidades sócio-culturais – uma de classe média, escolarizada, e outra pobre e analfabeta. Além disso, o texto em questão propõe ainda a recriação de elementos tradicionais, ligados ao passado, que são convocados pelas próprias personagens: o jogo de berlindes e a sua terminologia específica, a actividade de afiar as facas e consertar outros objectos metálicos, a superstição de associar a chuva ao amolador, aos quais é adicionada uma componente mágica pela associação dos acontecimentos da narrativa à concretização de desejos das personagens. No conto «Aventura com asas», que dá título à colectânea, encontramos uma revisitação do passado e das memórias da narradora pela reconstituição, à distância de muitos anos, de um episódio marcante (e mágico!) da sua infância. Assim, destaca-se o uso da primeira pessoa, reforçando o carácter testemunhal e verosímil do relato e passagem da narração de uma aventura à intervenção do maravilhoso. A dúvida entre realidade e ficção, que assalta o leitor no final é, no fim de contas, resultado da própria hesitação da narradora, incapaz de explicar o que lhe sucedeu naquele dia em particular, evidenciando a aptidão das crianças de se destacarem dos outros indivíduos pela capacidade de olharem de forma diferente (alternativa?) a realidade. Assim, a confusão e, possivelmente, o medo dos outros face a uma manifestação *sui generis* da Natureza – o ciclone – transforma-se num momento inesquecível e inexplicável na vida da protagonista e na concretização do que, para muitos, apenas pode ser um sonho.

Finalmente, detenhamo-nos um pouco na colectânea de contos *O Coração e o Livro*¹⁶, publicada pela primeira vez em 1993 e reeditada dez anos mais tarde. Esta edição, em novo formato, distingue-se ainda pela adaptação das ilustrações originais de António Modesto, caracterizadas pelas grandes dimensões, pelas sugestões cromáticas muito fortes, pela delimitação muito precisa das várias superfícies coloridas e dos traços e pela utilização de ângulos muito definidos.

Trata-se de um conjunto de catorze pequenos textos que, entre outros temas, apresentam alguns episódios de memórias de infância, revisitada com saudade e com alegria, como o primeiro dos contos – «O colar da princesa» – dá conta. A infância está, em muitos dos textos de Maria Rosa Colaço, conotada com as férias de Verão junto ao mar e com as actividades realizadas nesse cenário preferencial, quase idílico, sobretudo quando permite estabelecer uma nítida oposição com o ambiente da cidade e o tempo de aulas, por exemplo. São, por isso, inúmeras as referências eufóricas à praia neste breve

¹⁶ Id., *O Coração e o Livro*, Âmbar, Lisboa, 2003.

¹⁷ Id., «O navio azul», in *O Coração e o Livro*, Lisboa, Âmbar, 2003, p. 33 e 34.

conto e, em certa medida, em «Ana e a tartaruga». Aqui, encontramos outro dos *topos* de eleição de Maria Rosa Colaço, como é a opção por colocar no centro da intriga a relação entre uma personagem criança e um pequeno animal dotado de características humanas, como a linguagem e a inteligência. É este o caso, por exemplo, de *Sofia e o Caracol* (1982) e *O menino e a estrela* (1990).

A brevidade das narrativas, a par de uma relativa ingenuidade, visível na construção das intrigas perspectivadas a partir de um ponto de vista infantil, permite a aproximação ao universo e às vivências da criança, de que o conto «Pedro» é um dos exemplos mais convincentes. A condensação dos pequenos contos aproxima-os, tanto do ponto de vista da linguagem como dos temas abordados, das crónicas assinadas pela mesma autora. A opção por um estilo conciso e depurado permite que o conto se centre naquilo que é essencial, ao mesmo tempo que deixa espaço ao «não-dito» e promove a reflexão do leitor, convidado a partilhar a óptica inédita do narrador e/ou das personagens. A novidade destes brevíssimos contos reside ainda no tom lírico com que são celebrados os valores e os ideais mais simples, numa aproximação da “pequena crónica do quotidiano”.

Por outro lado, o universo recriado em muitos dos textos da antologia e partilhado com os leitores/confidentes cruza-se com as experiências de vida da autora, como é o caso das memórias de África (em «Um peixinho encarnado»), da sua actividade de ensino/aprendizagem («As férias de Bia»), das suas amizades («Uma casa tão azul») e até do próprio processo de escrita literária para a infância. Esta perspectiva, particularmente interessante pela novidade que encerra, é desenvolvida num curioso diálogo, cheio de interrogações e de dúvidas, que “uma escritora” estabelece com o livro que acaba de escrever. Assim, é possível observar, em «O Coração e o Livro» (conto que dá título à colectânea), uma pequena revolta do livro em relação à entidade autoral, permitindo ao leitor acompanhar o seu percurso, as suas expectativas e convicções, os afectos que o ligam à sua origem e aos seus destinatários.

São ainda particularmente interessantes os contos contendo a narração de casos humorísticos, quase anedóticos, como em «Que avestruz gulosa!», «Joaninha avoa-avoa» e «Manhã de sol». A vertente cómica resulta quer do disparate, às vezes quase do *non sense*, quer do insólito das situações narradas, o que revela, por parte da autora, um conhecimento próximo do público infantil, sensível ao humor. São ainda textos que desmistificam, em larga medida, o carácter demasiado sério e formal da literatura para a infância, explorando a sua vertente lúdica.

Pequenos hinos à amizade, ao sonho e à alegria, muitos dos contos desta colectânea revelam-se particularmente simbólicos de uma forma de ver o mundo, os homens e o futuro, de que a cor azul parece ser a metáfora por excelência e a proximidade com a prosa poética parece ajudar a sublinhar, como podemos observar no conto «O navio azul»:

Vinha de longe, tão longe, um navio azul.

Trazia bandeira branca, crianças e aves, o navio azul.

Vinha de longe, tão longe!

Por onde passava o navio azul, ouviam-se cantos e risos, as pessoas ficavam

felizes, havia pão e paz e já todos falavam dele.
O mundo inteiro ficou à espera do navio azul.
Acabaram-se as guerras.
Esquecemo-nos da palavra poluição. As águas eram transparentes, o vento brando,
quando passava o navio azul.
Vinha de longe, tão longe! (...)

Encheu de festa, alegria e sonhos as ilhas, os mares, o fundo das minas, o alto dos montes, o navio azul. Onde não havia água, voava no vento, mas, chegava sempre, o navio azul.¹⁷

Depois de muitas obras publicadas, tanto para crianças como para adultos, Maria Rosa Colaço continua orgulhosamente conhecida como editora da antologia *A Criança e a Vida*, que se revela quase como chave de leitura da sua produção infantil, pela voz que dá à criança e por olhar o mundo através da sua perspectiva. Resistindo sempre a uma literatura para a infância exclusivamente “educadora” e moralizante, os seus textos revelam sobretudo uma confiança inabalável nos mais jovens e nas suas capacidades. O lirismo da sua escrita não é artifício retórico, mas resulta, em larga medida, de um contacto inaugural da criança com a linguagem e com as suas enormes potencialidades. As metáforas surpreendentes de *A Criança e a Vida* funcionam, em nosso entender, como verdadeiro mote poético da produção literária de Maria Rosa Colaço, marcada pela exaltação da Felicidade, do Sonho, da Tolerância, da Amizade e da Poesia e por um optimismo constante, com que nos pretende contagiar a todos, mesmo nos momentos mais difíceis.

Resumo

É objectivo deste estudo proceder a uma reflexão sobre alguns dos títulos da produção literária de recepção infantil de Maria Rosa Colaço, de modo a caracterizar um percurso de escrita consistente e coeso que abrange de várias dezenas de anos.

Abstract